

UNIDADE NA DIFÍCIL TRAVESSIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 30.08.1983

Enquanto o governo federal permanece em total imobilismo, que a fugaz presença de Aureliano Chaves na presidência não chegou a alterar, a sociedade civil continua a movimentar-se. O imobilismo do governo reflete sua ilegitimidade, sua impotência diante da crise. Em contrapartida, a movimentação da sociedade civil revela sua vitalidade e sua determinação de ganhar independência não apenas em relação ao governo, mas também em relação ao estado.

Nestes últimos dias tivemos duas manifestações decisivas da sociedade civil: de um lado o documento corajoso dos 12 empresários, de outro a reunião de mais de 5 mil delegados do CONCLAT em São Bernardo do Campo. Em ambos os casos o repúdio à política econômica oficial foi a tônica. A sociedade não quer se ver vencida pela crise e protesta, propõe soluções alternativas, organiza-se.

O interessante é que nem o Documento dos 12 nem o CONCLAT de São Bernardo são manifestações “oficiais”. Não têm a chancela de estado. Quem tem essa chancela são as confederações e federações de empresários de um lado e de trabalhadores do outro; são as manifestações do estado corporativo brasileiro. E por isso mesmo não têm a representatividade dos 12 empresários ou do CONCLAT, este ainda que dividido.

Porque representatividade não é sinônimo de unidade. Se os empresários da mesma forma que os trabalhadores são classes imensas e complexas, não há porque esperar dessas classes unidade. O que se espera é que elas se organizem, e que assim surjam dentro delas grupos ou organizações que representem da forma efetiva frações importantes das mesmas.

Essas duas manifestações da sociedade civil foram complementares na semana passada por um documento da mais alta importância: o discurso do presidente do PMDB deputado Ulisses Guimarães.

Esse discurso, que era esperado com grande ansiedade, afinal correspondeu às expectativas que em torno dele haviam-se formado. E provavelmente será o documento político fundamental deste ano.

Através desse documento três resultados foram alcançados: (1) o PMDB reuniu-se em torno de uma proposta e de uma liderança comum; (2) o PMDB estabeleceu as bases da difícil mas possível negociação; e (3) o PMDB deixou claro que representa de maneira quase perfeita os anseios da sociedade civil brasileira.

A unidade do próprio PMDB em torno das propostas apresentadas no discurso é evidente. O partido viu-se fortalecido com as palavras do seu presidente porque sentiu-se por elas representado. As bases para a negociação com o governo foram também estabelecidas. O discurso define objetivos, mas não fecha portas, porque sabe, como Guimarães Rosa, que Ulisses Guimarães citou com muita propriedade, que "o real não está na saída nem na chegada. Ele se dispõe para a gente é no meio da travessia".

Finalmente, a representatividade do PMDB em relação à sociedade civil ficou óbvia pela já prevista proximidade das suas propostas em relação ao Documento dos 12 e as reivindicações do CONCLAT.

Na verdade, o que existe hoje da parte dos empresários é um grande desejo de aproximar-se dos trabalhadores. Por exemplo, a crítica de muitos empresários à recessão e a Decreto 2.045 é uma demonstração desse fato. As propostas do PMDB de "elevação imediata e progressiva do nível de atividade econômica" e de "elevação do salário médio em função do aumento da produtividade média", entre muitas outras, seriam provavelmente subscritas sem hesitação por trabalhadores e empresários. Constitui-se ou poderá constituir-se assim na unidade ou um pacto social que, apesar das suas contradições naturais, ainda poderá arrancar este país da crise e do imobilismo em que se encontra imerso.(30/08)